



**Mosteiro do Sagrado Coração - 18 de Julho de 1996:  
50º aniversário do nascimento para o Céu  
da Serva de Deus Irmã M. Consolata**

**HOMILIA DE SUA EX.CIA REV.MA. MONS. PIERGIORGIO MICCHIARDI**

**“EU TE BENDIGO, Ó PAI”**

Caríssimos, parece-me que as leituras da S. Missa de hoje nos ajudam muito bem a viver à luz da Palavra de Deus o 50º aniversário da morte da nossa Irmã Consolata Betrone. Refiro-me sobretudo aos versículos do Evangelho que escutámos (Mt 11,28-30) e convido-vos até a recordar as frases que precedem imediatamente o trecho há pouco proclamado, quando Jesus convida a louvar e a agradecer ao Pai pelas grandes coisas que Ele fez entre os seus filhos, sobretudo porque Ele revela o mistério do Seu Amor àqueles que se fazem pequeninos, simples, humildes.

Seguindo então a sugestão desta oração de Jesus: *“Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos”*, gostaria que juntos agradecêssemos, bendixêssemos, louvássemos o Senhor pelos muitos dons que Ele dá continuamente à sua Igreja e diria, de modo particular, à nossa Igreja de Turim. É claro, esta nossa Igreja, tal como a Igreja em geral, sofre e vive muitos problemas que causam sofrimento. Por exemplo, o problema da crescente descristianização, ou seja, o problema de se tomar cada vez menos Jesus Cristo como ponto de referência.

Um outro problema do qual eu me dou conta, como Bispo, de modo particular em relação a esta Diocese, é a diminuição das vocações para o sacerdócio e para a vida consagrada, que têm um papel essencial na vida da Igreja.

Mas no meio de todos estes problemas, quantos dons maravilhosos recebeu e recebe esta nossa Igreja! O maior dom é o da santidade que refulge em tantos membros seus. Santidade por vezes reconhecida oficialmente pela Igreja...e santidade que se encaminha para o reconhecimento por parte da Igreja, como é o caso da Irmã Consolata, uma monja de clausura, e uma santidade por vezes escondida, não reconhecida formalmente, mas também existente e frutuosa.

Agora, após esta premissa, queria reflectir convosco sobre o dom particular que o Senhor nos fez, a esta nossa Igreja e a toda a Igreja, ao dar-nos a Irmã Consolata. Aliás, gosto de sublinhar que o nome que Pierina Betrone recebeu em religião, Maria Consolata, é um nome que se refere à Padroeira da nossa Diocese, Nossa Senhora da Consolação.

Eis o dom que o Senhor nos fez, ao dar-nos a Irmã Consolata - parece-me que é fundamentalmente este: ter-nos feito saborear através dela, em toda a sua profundidade, o Evangelho, sobretudo quando Jesus fala de amor misericordioso e de humildade. Trata-se de partes do Evangelho que têm um grande peso no nosso meio, o qual tem muita necessidade de crer no amor de Deus. Hoje é preciso crer neste amor de Deus porque há uma religiosidade difusa, falta uma fé profunda no Deus de Jesus Cristo, porque uma coisa é acreditar em Deus criador, e outra é acreditar no Deus que Jesus Cristo nos revelou, e que é, precisamente, Deus amor, Pai, Filho e Espírito Santo. Esta falta de fé no Deus de Jesus Cristo, no Deus de amor, depende talvez, precisamente, do facto de nós não o anunciarmos suficientemente como amor misericordioso...

O nosso ambiente tem também muita necessidade de crer no amor de Deus, porque há muito pouco amor entre as pessoas: não quero ser pessimista, mas realisticamente penso nas famílias desunidas onde há a traição do verdadeiro amor, onde há desatenção. Eis então a actualidade da mensagem e da vida da Irmã Consolata que, a partir da consideração de que Deus é amor, convida a viver a caridade fraterna, a doar-se, a dizer 'sim' sempre e não apenas a Deus, mas também aos irmãos.

O ambiente em que vivemos é um ambiente que precisa de se convencer de que a salvação vem de Deus, porque há a contradição de duas tendências: por um lado o abatimento total e, conseqüentemente, as depressões, os suicídios por parte de muitos jovens; e por outro a exaltação excessiva da pessoa humana, com a conseqüente afirmação de que não há mais necessidade de Deus. Devemos, portanto, acolher o amor misericordioso na nossa vida, amor que nos salva. E o conceito de salvação para o cristianismo não quer dizer realidade que esmaga o homem, mas realidade que o eleva, que o completa, libertando-o do pecado, pondo-o em comunhão com Deus; portanto, não é aniquilamento da pessoa, mas justa elevação da pessoa. E creio que devemos

justamente anunciar mais a salvação que nos vem de Deus misericordioso e colaborar mais com zelo na salvação das almas.

Nestes dias, enquanto reflectia sobre a Irmã Consolata e sobre a sua invocação "Jesus, Maria amo-Vos, salvai almas", perguntava-me qual era o meu empenho na salvação das almas: é claro, tudo aquilo que fazemos de bem é para alcançar esta meta, mas temos de pensar de modo mais explícito nesta realidade, porque aquilo que conta é salvar a pessoa, salvar para a salvação eterna.